

Depois de atribuir a guerrilheiros o ataque a soldados brasileiros, Exército admite que foi atacado por garimpeiros.

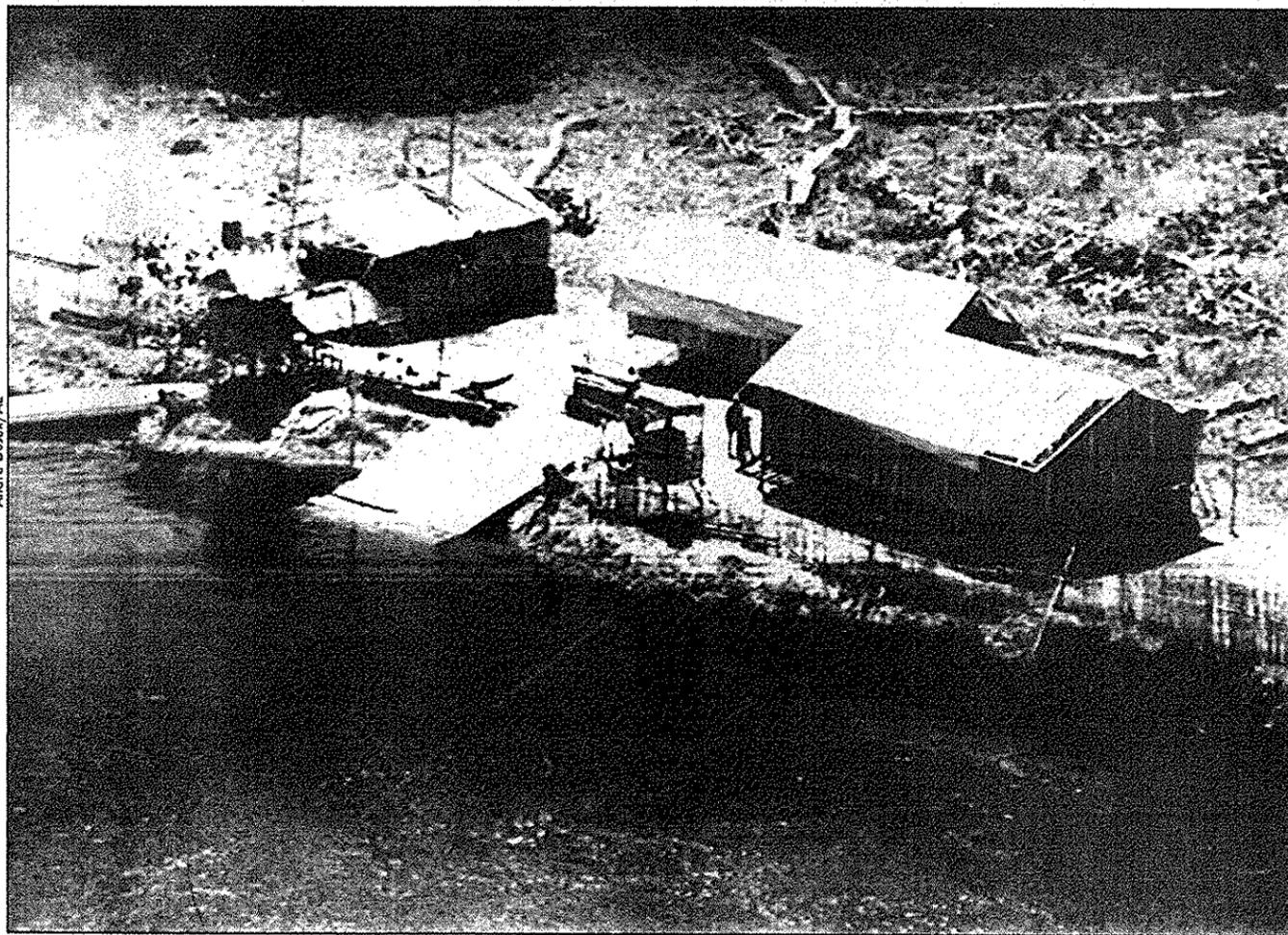
# Exército: ataque foi mesmo de garimpeiros

INACIO MUZZI/AE

O Exército brasileiro já admite não serem guerrilheiros os atacantes que emboscaram o destacamento de seus soldados, no dia 26 de fevereiro, na região do Traira, na fronteira com a Colômbia. Na noite de terça-feira, o comandante do Comando de Fronteiras do Solimões, coronel Evandro Pamplona Vaz, afirmou, em entrevista exclusiva à imprensa colombiana, que os atacantes eram bandoleiros. A posição do comandante mostra um recuo da versão oficial difundida pelo Exército brasileiro — sempre contestada pelos militares colombianos — de que o posto avançado de Traira havia sido atacado por membros das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia).

## Delinquentes

A revisão da versão preferida pelos generais brasileiros ocorre no momento em que se evidencia que, tanto os atacantes do acampamento brasileiro, como os sete colombianos dados como mortos pelo Comando de Fronteiras do Solimões na semana passada, são garimpeiros e possivelmente delinquentes da região do Traira colombiano, onde proliferam as áreas de extração de ouro. No início da semana, um porta-voz das FARC negou em Bogotá que a organização esteja operando na fronteira da Colômbia com o Brasil e que tenha realizado operações contra o Exército brasileiro. As FARC estão em negociações com o governo colombiano para depor armas e ontem aceitaram a realização de um encontro com representantes do governo na sede colombiana da Cruz Vermelha, em Bogotá.



André Dupuy/AE

O Exército revê sua posição de que o posto avançado de fronteira do Exército, à beira do rio Traira, teria sido atacado por guerrilheiros.

Enquanto isso, em Leticia, capital do departamento do Amazonas (Colômbia) a Polícia Nacional inicia investigações para tentar localizar o paradeiro de cinco garimpeiros da região, que desapareceram na primeira semana de março, justamente quando faziam uma viagem flu-

vial pela área onde opera o Exército brasileiro.

Em entrevista ao jornal "El Tiempo", à TV Intervisión e às rádios Caracol e RCN, órgãos da imprensa colombiana, o coronel Vaz mais uma vez negou que o Exército brasileiro tenha torturado quatro garimpeiros colom-

bianos detidos por suas tropas na semana passada. A tortura foi denunciada no sábado pelo pai de um dos garimpeiros, Luiz Alfonso Martínez, tão logo estes foram entregues às autoridades colombianas. Sobre os sete mortos colombianos, o coronel argumentou que eles foram alvejados

porque transitavam por território brasileiro vestidos com fardamento camuflado e portando armas, entre elas um fuzil roubado do destacamento no dia 26.

O comando do Exército proibiu os oficiais das forças acantonadas na fronteira de falarem com a imprensa brasileira. A jus-

tificativa, dada pelo coronel Vaz, é de que os veículos de comunicação estão denegrindo a imagem do Exército por colocá-lo sob suspeita de promover torturas e de matar garimpeiros inocentes. O comando brasileiro cobrou um compromisso das autoridades militares colombianas de também não receberem os jornalistas.

## Proibição

O único voo regular de Leticia para La Pedrera, a cidade mais próxima da região conflagrada — que ocorre às terças-feiras — foi suspenso. As autoridades colombianas proibiram também o trânsito de pequenos aviões pela área. Era prevista para ontem a chegada de parte das forças colombianas — cerca de 120 homens — à região do "Garimpi-to", onde está localizada a maior concentração de garimpeiros na zona do Traira, mas as duas Forças Armadas não divulgaram boletins sobre as operações.

O gerente do Banco de la República (o Banco Central colombiano) para o departamento do Amazonas, Jairo Córdoba Pinto, acredita que os militares terão pouco que fazer na área. Aquela instituição financeira é o maior comprador do ouro produzido na região do "Garimpi-to", mas os negócios estão em franco declínio.

Pinto tem uma estatística que comprova esta queda. No último mês, o banco não comprou mais do que 100 gramas do metal de apenas quatro garimpeiros. "Creio que hoje não existam nem 500 pessoas na área e a última vez que eu ouvi falar de guerrilheiros controlando esse garimpo foi em 1988", afirmou.